



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

JULIANA SIMÕES SOUTO MAYOR

DOCUMENTÁRIO
“ A VIDA É UMA CANÇÃO ”

Brasília/DF
2016

JULIANA SIMÕES SOUTO MAYOR

DOCUMENTÁRIO
“ A VIDA É UMA CANÇÃO ”

Memória de Produto apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual, sob orientação da professora Denise Moraes Cavalcante.

Brasília/DF

2016

JULIANA SIMÕES SOUTO MAYOR

DOCUMENTÁRIO
“ A VIDA É UMA CANÇÃO”

BANCA EXAMINADORA

Professora Denise Moraes Cavalcante
Orientadora

Professora Erika Bauer de Oliveira
Membro

Professor Doutor Marcelo de Brito
Membro

Professora Doutora Dácia Ibiapina da Silva
Suplente

AGRADECIMENTOS E MOTIVAÇÕES

Tive a sorte e a oportunidade de ter na minha vida, grandes exemplos, pessoas incríveis de corações gigantes, mestres que me proporcionaram muitos aprendizados. As minhas principais referências são meus pais e meus avós, que sempre me ensinaram a importância de agradecer. A fé das minhas avós, principalmente, me influenciou a crer em uma energia maior, no amor, no qual chamo de Deus. Elas me ensinaram o poder da palavra, das vontades, e do sentimento de gratidão. Agradeço por essa força maior que me ilumina e guia meu caminho, que faz crescer meu espírito e que me traz sentimentos bons, nos quais, são minhas melhores orientações.

Agradeço aos meus pais e ao meu irmão que sempre me apoiaram nas minhas escolhas, me deram os melhores conselhos, além de se esforçarem ao máximo para me proporcionar oportunidades e bons estudos. Aos meus avós que, estando na Terra ou no Céu, se interessam em saber meus projetos de vida e se estou me sentindo feliz e realizada. A toda a minha família, que acompanhou de perto meus estudos desde o início, nos desafios do vestibular, me incentivando a perseverar e comemorando minhas conquistas junto comigo.

Agradeço aos amigos e professores que tive durante todo esse ciclo que está se encerrando no curso de Audiovisual da UnB, aos que já me acompanhavam nessa caminhada anteriormente, e aos que tive o prazer de conhecer. Especialmente à Bruna Faria, Gabriela Studart, Hannna Guimarães, Isis Aisha e a professora Denise Moraes, que fizeram uma grande diferença no projeto e no meu percurso durante o curso. Agradeço a toda a equipe do projeto, a professora Erika Bauer e ao professor Marcelo de Brito, que aceitaram meu convite para compartilhar um pouco mais dessa experiência e que também me inspiraram de alguma forma. Agradeço, também, ao Artur Póvoa, um amigo que entrou na minha vida recentemente, mas que se dispôs a me ajudar e a confiar em mim disponibilizando seus horários e a sua empresa, a Grand Royal Filmes, para que eu pudesse editar o documentário.

Agradeço a minha primeira experiência de mercado, a Pupila Audiovisual, ao meu crescimento profissional e as pessoas que conheci no Movimento Empresa Júnior, um dos projetos que me inspiraram e que me fazem ter orgulho de estudar na UnB, assim como o grupo de pesquisa de Branding, no qual participo.

Agradeço ao Claudio Vinicius por me receber tão bem naquele espaço repleto de instrumentos musicais e de histórias incríveis, com sua simpatia e brilho nos olhos

contagiantes. No dia em que o conheci, admirei seu trabalho e senti que estava no lugar certo fazendo a coisa certa, o que me deu um maior entusiasmo para começar o projeto.

Agradeço a Bianka Nascimento por ter aceitado a embarcar nesse velejar de filmagens sobre sua história e a ter me autorizado a entrar um pouco na sua intimidade. História na qual me identifiquei desde nossa primeira conversa: também tive uma alergia na perna, no qual, por vergonha, me fazia usar apenas calças compridas o que talvez tenha aumentado minha timidez. Só que no meu caso, não tenho a voz forte e expressiva, nem o dom de cantar de Bianka, mas busco me expressar por meio da dança e das artes em geral.

Agradeço pela minha vida, que é o meu maior aprendizado. Aprendizado no qual acredito que as coisas acontecem no momento certo e porque devem acontecer, além de serem reflexo de nossas atitudes e postura diante de nós mesmos e do mundo.

RESUMO

O projeto pretende ser um registro dos processos de realização de um vídeo em linguagem de documentário, que descreve a história de vida de Bianka, jovem portadora de dermatite atópica, as dificuldades, conquistas e a da descoberta do poder da voz para cantar, logo que iniciou o tratamento na área da musicoterapia. O filme propõe informar os espectadores, que não é preciso haver insegurança, exclusão social, *bullying* ou qualquer tipo de repulsa e preconceito em relação a doença. Buscou-se divulgar que há várias formas de superação, mudança e respeito, e que a música tem um relevante papel no tratamento de doenças, especialmente as de fundo emocional.

Palavras-chave: documentário; musicoterapia; dermatite atópica; preconceitos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. JUSTIFICATIVA	9
3. OBJETIVOS	10
3.1 Objetivo Geral	10
3.2 Objetivos Específicos	10
4. REFERENCIAL TEÓRICO	11
4.1 Saúde e Música	11
4.2 O Documentário	14
5. METODOLOGIA	18
5.1 Pré-produção	18
5.2 Produção	18
5.3 Pós-produção	19
6. SINOPSE	20
7. ARGUMENTO	20
8. ROTEIRO INICIAL.....	21
9. PLANO DE DIREÇÃO	25
9.1 Produção	26
9.2 Fotografia	26
9.3 Som	26
9.4 Edição	27
9.5 Ilustração e Animação	27
10. CRONOGRAMA	28
11. ORÇAMENTO	29
12. EQUIPE	30
13. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

O presente trabalho é um projeto de um produto final de conclusão do curso Audiovisual da Universidade de Brasília, que teve início em outubro de 2015 e foi finalizado em junho de 2016.

O projeto trata da realização de um vídeo em linguagem de documentário, que descreve a história de vida de Bianka, jovem portadora de dermatite atópica. Durante o desenvolvimento da narrativa, foram retratadas as dificuldades e conquistas de Bianka, além da descoberta do poder da voz para cantar, logo que iniciou o tratamento da doença na área da musicoterapia, na qual foi atendida pelo musicoterapeuta Claudio Vinicius.

O filme pretende demonstrar e informar os espectadores, principalmente os que sofrem de alguma doença ou os que já tiveram preconceito com algum portador(a), que não é preciso haver insegurança, exclusão social, *bullying* ou qualquer tipo de repulsa da doença. É importante divulgar que há várias formas de superação, mudança e respeito, e que a música tem um relevante papel no tratamento de doenças, especialmente as de fundo emocional.

O projeto foi produzido em Brasília e no entorno, sobretudo na cidade de Brazlândia, onde Bianka mora e estuda, e contou com uma equipe reduzida de estudantes de Comunicação Social, atuando em áreas específicas do projeto. São eles: Juliana Simões – direção, produção e montagem; Gabriela Studart – fotografia e iluminação; Isis Aisha e Juciele Fonseca – captação de som; Martha Carvalho – edição de som; Bruna Faria – animação; Gabriel Rocha – ilustração. Complementando as entrevistas, os personagens reais que deram depoimento para construir a narrativa juntamente com Bianka foram familiares, amigos e o musicoterapeuta Claudio Vinicius.

Grande parte da população brasileira não conhece as doenças de forma clara, abrangendo sintomas, precauções, tratamentos e formas de contágio. Algumas doenças como a dermatite atópica, em que a pele fica fisicamente ferida, avermelhada e ressecada, são aparentemente visíveis e perceptíveis e, por falta de conhecimento, a reação das pessoas que a veem é de repulsa.

Se houvesse maior divulgação, informação sobre as doenças e conhecimento de que algumas delas, como a dermatite atópica, não são de forma alguma contagiosas, haveria uma queda na rejeição das pessoas ao terem contato com algum(a) portador(a).

As pessoas que sofrem com problemas de saúde que afetam a aparência física, sofrem também, na maioria das vezes, de complicações emocionais que podem levar à insegurança, baixa da auto-estima, exclusão social e *bullying*. A manifestação da doença, juntamente com o julgamento equivocado de outras pessoas, tendem a interferir diretamente na vida do enfermo, no comportamento, na maneira de se comunicar e interagir, na forma como percebe o mundo ao seu redor.

O projeto propõe demonstrar as consequências e efeitos que a doença dermatite atópica pode causar na vida de um(a) portador(a) e quais as atuações e influências da musicoterapia nesse contexto. Para tal, será preciso divulgar, informar e conscientizar as pessoas sobre a doença, o tratamento, as transformações e potencialidades que a música pode causar na qualidade de vida das pessoas.

O projeto busca então, clarificar e conscientizar sobre o impacto negativo que reações repulsivas e exclusão social podem causar na vida dos portadores de alguma doença, auxiliando assim, tanto quem sofre, como quem tem contato com a doença, mesmo que indiretamente.

Além de informar, também é uma forma de divulgar o trabalho da musicoterapia que nem sempre é conhecido, tendo em vista que é um importante acompanhamento em tratamentos, principalmente no que diz respeito aos problemas relacionados aos aspectos emocionais dos pacientes.

Sendo um produto audiovisual e um documentário que pode ser transmitido e disponibilizado para a sociedade, também tem valor cultural e acadêmico. Considerando que o projeto será registrado e apresentado para a universidade, a pesquisa, construção e produção do projeto podem ser utilizados como experiências e conhecimento por outras gerações que estão iniciando no curso de Audiovisual e afins. O vídeo como veículo de

informação também é uma forma de demonstração do empoderamento para superar os estigmas e contradições de uma sociedade plural.

Pretende-se auxiliar a formação de uma sociedade mais inclusiva, informada, e estimular pacientes com quadros clínicos que estão relacionados aos aspectos emocionais, principalmente os que possuem dermatite atópica, a enfrentar e superar as doenças e terem conhecimento da importância da musicoterapia no tratamento, uma forma de contribuir com a expressividade e com o equilíbrio emocional de cada um.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Produção de um curta-metragem com a linguagem de documentário em formato digital, com duração prevista de 20 minutos, para discutir um caso, a história de vida de Bianka, portadora de dermatite atópica, uma doença influenciada por questões emocionais, e o impacto da música nessa trajetória.

3.2 Objetivos Específicos

O documentário objetiva, por meio da história de vida de Bianka, defender o respeito e a inclusão social e se posicionar contra qualquer forma de preconceito e discriminação. Além disso, busca transmitir aos espectadores informações sobre a doença dermatite atópica, divulgando e valorizando a musicoterapia como forma de tratamento de doenças e crises, especialmente as influenciadas por questões emocionais.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Saúde e Música

Existem algumas enfermidades que a medicina ainda não encontrou a cura, as prevenções, ou até mesmo as causas da manifestação de tais patologias. Muitas delas, são doenças que podem agravar-se por desequilíbrios emocionais, consequentemente afetando a vida dos portadores em diferentes aspectos.

A dermatite atópica, conhecida também como Eczema Atópico, é a doença de pele mais comum, afetando em média de 10% a 15% da população mundial segundo a Associação de Apoio à Dermatite Atópica. É uma doença inflamatória de caráter crônico, que oscila entre períodos de melhora e agravamento. Possui diferentes graus de acometimento, geralmente é hereditária e tem início da infância. A doença não tem cura, e fatores emocionais podem colaborar para o agravamento das crises.

Os sintomas comuns da dermatite atópica são: edemas que podem surgir em várias regiões do corpo com aparente lesões avermelhadas, podendo conter escamas esbranquiçadas que aumentam a chance de infecção; coceira em excesso que piora com a transpiração ou contato com agentes irritantes externos; inchaço e irritação local; feridas e secreções; crostas e descamações; pele ressecada com pequenas rachaduras.

Os tratamentos estão focados em cuidados especiais para controlar a doença e melhorar a qualidade de vida do portador. Ter uma alimentação saudável é um dos cuidados recomendados, principalmente a ingestão de vitaminas C e K, proteínas, aminoácidos, ferro e zinco que auxiliam na regeneração e cicatrização da pele.

Além da alimentação, a questão emocional pode fazer diferenças relevantes na melhora e controle da dermatite atópica. O acompanhamento de profissionais da área da saúde como dermatologistas, nutricionistas, psicólogos, musicoterapeutas podem auxiliar no quadro clínico dos pacientes que sofrem deste tipo de reação hipersensível.

Antes mesmo do nascimento da humanidade, os sons estiveram presentes no Universo com suas características peculiares de manifestação. O ser humano possui capacidade auditiva, mesmo que limitada, e convive com campos sonoros desde os primórdios de sua existência, aprendendo a ouvi-los e posteriormente, produzi-los de formas diversificadas. A história da música e do homem perpassa os conceitos de escuta de sons produzidos externamente, e o de criação de sons pelos homens, não somente por

meio da voz, mas também pela expressão de linguagens não verbais. Segundo o músico e psiquiatra Rolando Benenzon,

A linguagem falada necessita forçosamente de um contexto social para ser entendida e de uma história comum para ser compreendida. Quanto mais elementos do contexto não-verbal acompanhar um símbolo, melhor será o seu objetivo de comunicação. (BENZON, 1988, p.19)

Conforme o musicoterapeuta e psicólogo Gregório Queiroz, a música é um estímulo para expressões humanas emocionais.

A dimensão dos sentimentos se transforma quando o campo emocional é trabalhado por meio dos estímulos convenientes. O estímulo mais poderoso para exercitá-lo é a música, e é neste sentido que a música compõe o homem. É também devido a ele que o homem compõe música, desde sempre, para exercitar e educar sua natureza emocional. (QUEIROZ, 2007, p.179)

O som, não é apenas o que é possível escutar, são movimentos e vibrações que atingem não só o sentido da audição, mas o sentido do tato também, por exemplo. De acordo com Benenzon, o sistema auditivo, apesar de ter a função apropriada de perceber os sons, não é necessariamente a forma mais importante de interpreta-los. Além disso, ele destacou a percepção tátil nesse processo e afirmou que “existem outros sons, não audíveis conscientemente, mas que também penetram e estimulam os sistemas da percepção”. (BENZON, 1988, p.21)

Ainda segundo Benenzon, na vida intrauterina já há ligação com o som e é comprovada a capacidade e poder de mobilização e alteração das emoções do ser humano pela música.

Esses fenômenos acústicos, sonoros, vibratórios e de movimento surgem desde o preciso momento em que o óvulo se une ao espermatozóide para formar o princípio de um novo ser. Nesse instante, existem infinitos processos que rodeiam esse ovo que se aninha no útero, e que produzem, por sua própria dinâmica, movimento, vibração e som. (BENZON, 1988, p.13)

A música foi utilizada, desde os primórdios da humanidade, como forma de comunicação e com função ritualística, juntando-se muitas vezes com outras artes como a dança e o teatro. Para Benenzon, a música é arte e ciência, dois componentes do processo de evolução do homem.

Ao longo da história e com a evolução da medicina, a música foi explorada como um recurso terapêutico. Na Enfermagem, essa utilização da música teve início com

Florence Nightingale e posteriormente por Isa Maud Ilse e Harryet Seymor que cuidaram dos feridos na Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Desde então, o conceito de musicoterapia surgia muitas vezes como um tratamento complementar a outros da área de saúde, buscando trabalhar o lado cognitivo-comportamental dos pacientes.

Conforme Benenzon, a musicoterapia está diretamente relacionada com a comunicação, e esta, quando efetiva, está relacionada com as relações humanas e com a saúde mental.

A musicoterapia é o campo da medicina que estuda o complexo som ser humano-som, para utilizar o movimento, o som e a música, com o objetivo de abrir canais de comunicação no ser humano, para produzir efeitos terapêuticos, psicoprofiláticos e de reabilitação no mesmo e na sociedade. (BENZON, 1988, p.11)

De acordo com o musicoterapeuta Carlos Fregtman (1989), um corpo emite energia em movimento, emana som, assim como os instrumentos musicais que são auxílios em sessões de musicoterapia. Portanto, os instrumentos sonoros são mediadores na comunicação com o mundo externo, sendo uma expressão espontânea ligada ao inconsciente, ao emocional e não racionalizada. Segundo a musicoterapeuta Fabiane Alonso Sakai (2004),

Quando cantamos ou tocamos um instrumento, somos chamados a conectar nossos ouvidos com nossas mentes, nossos olhos com nossas mãos, nossos pensamentos com nossos sentimentos, nossas fantasias inconscientes com nossas intenções conscientes, nossas crenças com nossas ações; nossos mundos internos com o mundo externo e a nos conectarmos aos outros. (SAKAI, 2004, p.4)

Ainda conforme Sakai (2004), o corpo humano pode ser o instrumento musical mais completo.

Pode-se dizer que os corpos humanos assim como os instrumentos de música se constituem em emissores de energia. Utilizando a música, os sons, ritmos, melodias, timbres, os instrumentos musicais, os movimentos, a voz, o próprio corpo e as relações que se desenvolvem entre eles, em atividades de auto-expressão e auto-conhecimento, na Musicoterapia, paciente e terapeuta se envolvem sempre em uma experiência musical Receptiva ou Ativa para atingir as necessidades do SER e restabelecer o livre fluxo da energia psíquica. (SAKAI, 2004, p.1)

Alguns efeitos possíveis como consequência do uso da música com finalidade terapêutica são a redução do estresse, da ansiedade e de dores, além de liberação de endorfinas, relaxamento e experiências mentais imagéticas estimuladas pelos sons. A

musicoterapia também é uma forma de auto-conhecimento, auto-percepção e por meio da expressividade possibilita o desbloqueio de tensões e entraves que podem ser melhor lidados pelo paciente através da música, resultando em transformações positivas.

Para o professor de musicoterapia Kenneth Bruscia (2000), a beleza da música é a superação das dificuldades no processo do paciente ao expressar os sentimentos, pois quando ele “tem que superar incapacidades para se engajar no processo, o produto musical torna-se belo, não porque a música é perfeita, mas porque a vitória do cliente adquire beleza”. (BRUSCIA, 2000, p. 108)

De acordo com Fregtman (1989), a musicoterapia busca “ensinar” o paciente a conhecer os seus próprios sons, a ligá-los, articulá-los, buscando conseguir que os diferencie e possa dar nome aos afetos com que carrega cada um deles, entendendo que essa produção sonora pode relacionar-se com os seus conflitos”. Conforme Benenzon (1988), a função do terapeuta é produzir mudança na forma de comunicação do paciente, atingindo-o em sua totalidade.

O ser humano não é corpo e mente ou corpo mais mente, nem psique e soma ou psique e alma, nem matéria e espírito; é um todo; e a musicoterapia (que, praticamente entre todas as especialidades médicas utiliza elementos abstratos que não se vêem e que somente se percebem com o transcorrer do tempo) é a técnica que mais se dirige à totalidade do indivíduo. (BENZON, 1988, p.15)

Em Brasília, Claudio Vinicius formou-se em musicoterapia, realiza estudos, pesquisas na área, e atende diversos pacientes que tiveram melhoras nos quadros clínicos após os tratamentos com a música. Um dos pacientes do musicoterapeuta Claudio Vinicius foi Bianca Nascimento, portadora de dermatite atópica, que por meio da música, encontrou uma forma de expressão e conseguiu relevantes melhoras no controle da doença de pele que advém de fundo emocional.

4.2 O Documentário

Desde o começo da existência, o ser humano sentiu necessidade de se comunicar, seja com outros seres, seja com o mundo ao seu redor. Para isso, utilizavam diversos meios para alcançar uma interação, como os gestos, expressões, a produção de sons, e mais tarde, a criação da fala e da escrita.

Outro modo de se comunicar estava expresso nas realizações de registros, como forma de organização, contagem de tempo ou informações a serem transmitidas às

próximas gerações. As pinturas rupestres, por exemplo, foram uma das primeiras tentativas de aproximação da realidade, mesmo que apenas representativamente, não sendo a realidade em si mesma.

As formas de reprodução da realidade foram surgindo ao longo da história e se manifestando variadamente. Esses meios de representação contribuíram para que fosse construída a ideia primordial de documentar, registrar a realidade. Para a professora e pesquisadora na área de comunicação, Consuelo Lins, “o interesse por imagem ‘reais’ tampouco se limita ao campo do documentário: parece corresponder a uma atração cada vez maior pelo ‘real’ em diversas forma de expressão artísticas e midiáticas”. (LINS, 2008, p.8).

Saltos significativos ocorreram e, com a tecnologia sendo aprimorada cada vez mais, após o surgimento da fotografia, já no final do século XIX, surgiu o cinema. Em 1895, os irmãos franceses Louis e Auguste Lumière foram considerados os primeiros realizadores de uma exibição pública e paga, com uma série de pequenos filmes que não chegavam a durar 1min. Eram curtas cenas do cotidiano, como "A saída dos operários da Fábrica Lumière" e "A chegada do trem à estação Ciotat", um registro parcial da realidade.

Trata-se dos primórdios do documentário, apenas o princípio do que é o gênero atualmente. Além disso, o início do cinema está marcado pelo entretenimento e o espetáculo, com cenas mais teatrais. Bill Nichols, crítico e teórico de cinema, na sua obra “Introdução ao documentário”, discorre sobre essa época:

A capacidade do filme de fornecer documentação rigorosa do que aparece diante da câmera leva a pelo menos duas outras direções: ciência e espetáculo. Ambas começam no cinema primitivo (aproximadamente de 1895 a 1906, quando o cinema narrativo começa a predominar). (NICHOLS, 2012, p. 119)

Por outro lado, o cineasta brasileiro Silvio Da-Rin ao discorrer sobre as transformações do documentário no cinema, evita limita-lo a “um tipo de material fílmico, a uma forma de abordagem ou a um conjunto de técnicas”¹:

As diferentes tendências que, ao longo da história do cinema, foram identificadas com este nome tão difícil de definir, não constituem um único mesmo objeto, mas diferentes objetivações do documentário. Cada uma delas possui seu percurso peculiar, suas plataformas estéticas, sua crítica às práticas consideradas superadas e seu resgate de antecessores. O que mantém agregado um campo tão plural é o fato de que seus membros compartilham determinadas

¹ Da-Rin, 2006, p. 18.

referências, ou seja, gravitam em torno de uma mesma tradição. (DA-RIN, 2006, p. 18)

Em 1922, um filme de 79 minutos de duração, registrou cenas do povo *inuit*, e foi considerado um marco da história do documentário: “*Nanook, o Esquimó*” de Robert Flaherty. Contudo, há controvérsias e afirmações que o filme não foi uma representação espontânea do comportamento e cotidiano daquele povo, pois ainda havia encenações para a câmera, uma abordagem e pontos de vista influenciados pelo autor.

Já em 1929, o filme “*O Homem da Câmera de Filmar*” de Dziga Vertov foi marcado pelo cunho político, coerente com o contexto histórico de divergências entre o socialismo e capitalismo. Vertov foi um importante teórico do cinema e criador do conceito do Cine-Olho, no qual afirmava que a câmera era superior a limitada capacidade visual do olho humano em apreender a realidade. Em um contexto marcado por vanguardas, Vertov foi influenciado pelo movimento Construtivista e afirmou que “a imagem é a arte do fato”. Ainda que, o auge e a consolidação do documentário tenha sido na década de 20, Nichols destaca que “o documentário não pode ser mais facilmente definido que ‘amor’ ou ‘cultura’ ” (NICHOLS, 2012, p. 20), e que

Se houvesse uma trajetória linear das características do cinema primitivo até o documentário, seria de esperar que o documentário se tivesse desenvolvido paralelamente ao filme de ficção nos primeiros anos do século XX e não que alcançasse amplo reconhecimento apenas no fim da década de 1920 e no começo da de 1930. (NICHOLS, 2012, p. 123)

Guy Gauthier também julga o conceito de documentário ao afirmar que “há mais de 80 anos, as pessoas se debatem com um termo inapropriado e, entretanto, incontornável, cada um sendo levado a propor um nome para delimitar seu tema” (GAUTHIER, 2011, p.17) e aborda as contradições ao limita-lo:

Se digo que o documentário procura a verdade, oporão a mim que ela é inacessível, ou então que o romanesco procura a mesma coisa e consegue achá-la. Se afirmo que ele tente a refletir o real, me dirão que o Real não é passível de ser conhecido. Se defino a não ficção (como se diz em inglês) como não relato, dou claramente a mão à palmatória: as relações de seguro e de apólice produzem relato cujos decretos nada têm de fictício para aqueles que devem pagar. Se me prendo a noção de roteiro, o terreno é mais sólido, pois qualquer ficção, no sentido corriqueiro do termo, exige um roteiro prévio, esteja ele na cabeça de seu autor, rabiscado em um caderno, ou impecavelmente escrito. Um documentário pode, no máximo, propor uma orientação, mas sua realização deve ser também uma descoberta, e o roteiro só se impõe após a filmagem. (GAUTHIER, 2011, p.13)

No aspecto da produção do documentário, o professor doutor em cinematografia, Marcius Freire, discorre sobre a relação entre o realizador do filme e as pessoas filmadas, o processo de doar e ceder como uma forma de criação e representação, que pode ser um ponto de resistência ou um ponto de partilha. Assim, muitas vezes, os sujeitos opõem-se a imposições, visões e sugestões do documentarista ao mesmo tempo em que há, “na realização de todo documentário, uma relação de poder em que o realizador, queira ele ou não, detém o domínio sobre um processo em construção, enquanto as pessoas filmadas a ele são submetidas” (FREIRE, 2011, p.31).

Conforme o pesquisador e professor de cinema, Fernão Pessoa Ramos, as entrevistas e depoimentos, os materiais de arquivo, a rara utilização de atores profissionais, imagem tremida, improvisação e roteiros abertos, estão inseridos na narrativa do documentário, embora não necessariamente e nem exclusivamente.

Em sua forma de estabelecer asserções sobre o mundo, o documentário caracteriza-se pela presença de procedimentos que o singularizam com relação ao campo ficcional. O documentário, antes de tudo, é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário (intenção social, manifesta na indexação da obra, conforme percebida pelo espectador). (PESSOA, 2008, p.22)

Com base nesses conceitos de documentário, o filme “A Vida é uma Canção” é um registro parcial da vida de Bianca Nascimento. O documentário busca através de uma narrativa cronológica, mesmo que remetendo a imagens de momentos passados, contar a história de Bianca como portadora de dermatite atópica, paciente da musicoterapia e cantora.

Além disso, a realização do documentário busca uma forma de compartilhamento, e não de invasão, com o contexto e os sujeitos retratados, por mais que seja consciente que o filme é uma representação, interpretação e recriação do real. Assim, o documentário produzido está de acordo com a reflexão de Freire e com a colocação do cineasta e documentarista Eduardo Coutinho ao retratar os conceitos do filme como “verdade” e como “construção” de um discurso:

Nenhum filme filma a verdade. Se você fizer um filme etnográfico, a câmera ficar parada três horas no quintal e depois quatro horas em uma mulher socando pilão, é uma ilusão que o cineasta está conhecendo o real. [...] Há discursos que só nascem porque estou lá filmando. (COUTINHO, 2008, p. 110)

5 METODOLOGIA

5.1 Pré-produção

O projeto começou com a busca de interesses, definição de um problema de pesquisa, a escolha do tema central e a forma que ele ia ser expressado: através de um documentário. Iniciaram-se os estudos e pesquisas sobre os principais temas a serem abordados: a musicoterapia, a dermatite atópica, o documentário e os preconceitos.

A pré-produção foi um período de contato com os principais protagonistas do filme, Bianka Nascimento e o musicoterapeuta Claudio Vinicius, além de formação da equipe para filmagem e escolha da professora orientadora, Denise Moraes. Por meio das conversas, Bianka e Claudio deram os primeiros depoimentos que foram utilizados para construção do roteiro inicial.

Nesse processo, foram redigidos os documentos necessários para a produção: direitos de imagem, direitos autorais e autorizações para filmagem nas locações. As visitas aos possíveis locais de filmagem também foram realizadas, além de uma pesquisa das pessoas mais próximas de Bianka que pudessem ser entrevistados e que contribuíssem para a história do filme. Foram feitas reuniões para apontamento de propostas, alinhamento de ideias e definição de uma linguagem em comum para todas as áreas antes das filmagens.

O argumento, o roteiro e a sinopse foram redigidos, revisados e sofreram modificações. Foi produzido um plano de gastos e o cronograma do projeto, além do registro das referências utilizadas, tanto bibliográficas, filmográficas e de imagens, para embasar a pesquisa e serem pontos orientadores das realizações da produção.

5.2 Produção

Com o roteiro finalizado e tendo-o como referência para a produção, as ilustrações das cenas iniciais começaram, juntamente com o processo de anima-las. As filmagens também aconteceram concomitantemente com a animação e a ilustração. As primeiras cenas foram filmadas no estúdio de rádio da FAC para comporem, principalmente, a trilha sonora do filme cantada por Bianka, e para que ela se sentisse mais a vontade com a equipe antes de começar os depoimentos com os temas mais densos.

Algumas filmagens saíram um pouco do planejado, houve dificuldades com o processo de autorização de filmagem no Hospital da Criança de Brasília e dos direitos autorais das músicas, e outros eventos ocorreram para acrescentar elementos e cenas ao documentário. Um dos exemplos foi a apresentação de Bianka com a Orquestra Sinfônica de Brasília, e a descoberta do grupo de *Rap*, no qual ela canta juntamente com os amigos Murilo e Gustavo.

A utilização de entrevistas e depoimentos, de matérias de arquivo, imagem tremida com câmera na mão para causar aproximação, roteiros abertos, e principalmente a improvisação, foram metodologias utilizadas na construção do documentário por possibilitar transformações e adaptações das filmagens aos momentos que Bianka estava vivendo, que não podiam ser previstos e planejados anteriormente. Além disso, imprevistos são suscetíveis a acontecer, como por exemplo, quando o carro quebrou perto de Brazlândia com a equipe e os equipamentos, subindo o orçamento inicial previsto.

5.3 Pós-produção

A pós-produção contou com a ajuda da empresa Grand Royal Filmes, que cedeu o espaço para a montagem do vídeo. A edição do vídeo não sofreu colorização, para que a imagem ficasse o mais natural possível e mais próxima da realidade em questões de iluminação e saturação.

A montagem teve como base a história cronológica de Bianka, desde as crises da doença dermatite atópica, o ponto de virada com o tratamento da musicoterapia e por fim, a descoberta da voz e as apresentações de Bianka como cantora. Imagens de arquivo foram utilizadas, principalmente um trecho da primeira referência do projeto, a matéria do Fantástico da Rede Globo, que foi utilizada para demonstrar o espaço da musicoterapia onde Bianka teve o tratamento, já que o Hospital da Criança de Brasília não autorizou filmagem no local a tempo dos prazos finais das gravações.

A escolha da trilha sonora foi constituída com base nas principais músicas das apresentações de Bianka, desde que ela começou a cantar. Por isso, a maioria delas foi gravada nas filmagens na fase de produção.

O documentário foi finalizado com citações de Bianka e os créditos foram produzidos com algumas cenas dos sets de filmagens que não foram utilizadas anteriormente no vídeo. A última versão do documentário ficou pronta após quatro cortes do vídeo que foram avaliados e analisados pela orientadora, Denise Moraes.

6 SINOPSE

Bianka conta sua vida, as dificuldades e conquistas que obteve sendo portadora de dermatite atópica. Durante o tratamento da doença, Bianka descobriu novas perspectivas e talentos por meio da música.

7 ARGUMENTO

O documentário conta a história de Bianka, desde a infância quando tinha por volta de 3 anos de idade, até os dias atuais em que possui 16 anos. A trajetória inicial da vida de Bianka é marcada pela doença dermatite atópica e as dificuldades dos sintomas como coceira, ressecamento da pele, dores etc.

Os pais de Bianka estavam sempre dispostos e preocupados com a saúde dela, auxiliando-a a se vestir, dando atenção e afeto, levando-a para diversos hospitais e procurando ajuda até mesmo espiritual, em busca da cura da doença.

Na escola e nos ambientes em que vivia, devido ao aspecto visível da doença na pele, Bianka sentia-se envergonhada e com baixa autoestima, o que mudava seu comportamento, se retraindo e utilizando roupas compridas para esconder a vermelhidão no corpo. Na escola, ela sentia a repulsão pelos colegas, que ficaram com receio de contágio por desconhecerem a doença.

Conforme Bianka foi entrando na adolescência, começou a descobrir-se mais, conhecer os sentimentos e vontades. Acompanhada por vários médicos e tendo passado por vários hospitais, visitava regularmente uma psicóloga que sugeriu o tratamento de Bianka na área da musicoterapia. No Hospital da Criança de Brasília, Bianka conheceu o musicoterapeuta Claudio Vinicius, que a acompanhou e juntos, descobriram o potencial da voz dela.

A partir de então, Bianka conseguia se expressar melhor pelo canto, o que ajudou no controle da doença. Começou a realizar apresentações e a ser bem recebida pelos amigos e colegas. A música deu mais segurança à Bianka, a ajudou no controle da doença e na inclusão social que anteriormente era prejudicada por questões emocionais.

A vontade de Bianka era contar ao mundo que, as pessoas que têm dermatite atópica não devem sofrer discriminação, ficarem com baixa autoestima nem serem rejeitadas. A musicoterapia foi um dos caminhos traçados por Bianka para superar

dificuldades e, para ela, a música é um meio para se expressar, quebrar preconceitos e fazer críticas.

8 ROTEIRO INICIAL

ANIMAÇÃO

FADE IN

CENA 01 - INT. Quarto de Bianka - Dia

A mãe Sônia entra no quarto de Bianka que está dormindo e tira a coberta dela lentamente. Bianka acorda, senta na cama e se espreguiça. A mãe entrega um copo de água e Bianka toma um comprimido. A mãe ajuda ela a vestir um casaco. Uma lágrima escorre do rosto de Bianka.

CENA 02 - EXT. Casa de Bianka - Dia

Pai de Bianka está dentro do carro e dá partida. Bianka escuta a música enquanto o pai dirige pelas ruas em direção ao hospital.

CENA 03 - EXT. Rua do Hospital - Dia e Noite

Pai e Bianka estão de costas esperando os carros passarem para atravessar a rua. Enquanto isso, no fundo da tela, há um hospital que muda várias vezes, enquanto o dia também muda: as nuvens se movem e o sol passa.

CENA 04 - INT. Escola, Sala de Aula - Dia

Alunos entram na sala e cochicham. Na sala, Bianka está sentada na última carteira do canto, e ao redor dela as carteiras estão vazias.

CENA 05 - INT. Quarto de Bianka

Bianka toca violão sentada na cama.

FADE OUT

LIVE ACTION

CENA 01 - INT. Estúdio

Bianka canta a música autoral ``Que Bom Seria``.

CENA 02 - INT. Casa de Bianka - Dia

Fotos de Bianka mais nova. Bianka conta como era conviver com a alergia, o que sentia, e como isso influenciava na sua vida, no lado emocional e de relacionamento com a família, colegas e amigos. Imagens ilustrativas na escola e dos desenhos que ela fazia.

BIANKA

Meus pais lutaram bastante comigo enquanto estive doente. Quando a doença tomava conta de mim eles saíam loucos atrás de consultas em todos os hospitais (que públicos em Brasília acho que já passei por todos (risos)). Em momentos assim, até em uma igreja espírita eu fui para buscar ajuda. Às vezes a minha pele estava muito debilitada, eu não conseguia nem me vestir, mas minha mãe estava lá para ajudar a me vestir para ir para escola. Quando estava na pior, doente, às vezes até impossibilitada de sair de casa, a família que, se eu for parar para contar é grande até, nunca se deu o ar da graça de reconhecer esse afeto nos momentos difíceis. A gente só reconhece e considera as pessoas realmente quando elas lembram de você seja lá a forma em que você se encontra.

O ensino fundamental foi um pouco complicado, é quando a parte emotiva do ser humano parece aflorar (risos). Foi quando a doença se agravou mesmo, era feio e muito estranho, a pele tinha um mal cheiro, doía muito, pois estava muito ferida. Não conseguia nem andar direito, estava praticamente em carne viva. Meus colegas na escola não chegavam muito perto de mim, por sei lá, acho que medo de adquirir aquilo também. Eu guardava isso dentro de mim todo o tempo, me excluía, passava toda a aula calada, tinha vergonha de algo que nem eu mesma sabia o porquê, mas frequentava a escola assim mesmo.

CENA 03 - INT. Casa de Bianka - Dia

Cenas de rotina da família, com os pais e irmão. Bianka fala sobre os agravamentos da alergia. O pai, Orlando, fala da relação que ele tem com a música, e dá um depoimento sobre dias mais difíceis e a ida de Bianka ao Hospital da Criança.

BIANKA

Eu estava muito mal por causa da alergia não conseguindo nem andar, ele estava desesperado na chuva questionando a Deus se ele existia mesmo e por que ele estava me deixando sofrer tanto (...). Eu ia ao Hospital da Criança quase toda semana, pois estava sendo acompanhada por muitos médicos. Um deles foi na psicologia, onde eu contava tudo para ela, era onde eu me abria, pois estava cansada de guardar tanto sentimento ruim por causa da

doença. Um dia, eu disse a psicóloga que eu gostava de cantar, mas que tinha vergonha, então ela me encaminhou para a musicoterapia.

CENA 04 – INT. HCB – Dia

Imagens ilustrativas no Hospital da Criança. Depoimento do musicoterapeuta Claudio Vinicuis e de Bianka. Descrição do primeiro contato com a musicoterapia e acompanhamento. Cena de Bianka e Claudio cantando juntos a **música ''Qual quer acorde''**. Repetição de imagem remetendo ao primeiro encontro, e Bianka começando a cantar. Imagem de gravação no estúdio da Bianka cantando a **música ''Como nossos pais'' da Elis Regina**, referente a sua primeira apresentação no HCB.
*Imagens de arquivo do HCB.

BIANKA

Na minha primeira consulta na musicoterapia Claudio Vinicius conversava comigo, e me pediu para cantar. Quando me calei, ele ficou surpreso e disse que aquilo tudo que eu tinha guardado em mim ia sair em um dom: cantar. Minha primeira apresentação foi no hospital.

CENA 05 – INT. Casa de Bianka – Dia

Depoimento de Bianka e da mãe, Sônia, contando o momento em que Bianka cantou a **música ''At Last'' da Etta James**, e a mãe ficou na cozinha. Repetição de imagem remetendo a este momento.

BIANKA

Meus pais ficaram sabendo que eu cantava, mas eu tinha muito vergonha e eles respeitavam e me davam ''super'' espaço. Até que um dia, pedi para minha mãe ficar na cozinha que eu ia cantar para ela. Ela ficou surpresa também, porque eu era tão calada. Como podia cantar tanto assim?

CENA 06 – INT. Escola do Teatro Musical Empório Cultural

Bianka conta da audição para a Escola do Teatro Musical Empório Cultural.

BIANKA

Com mais certeza do que queria, fiz audição para uma escola de teatro musical, estava querendo vencer a timidez de anos. Consegui passar e lá fiquei por um ano. Eu ficava pedindo pra Deus me ajudar daquilo que tanto me impedia de viver e ser feliz. Mas eu nunca desistia, lá no fundo sempre houve esperança, acho que isso se chama fé em Deus, né?

CENA 07 - INT. Escola Centro de Ensino Médio I - Dia

Bianka conta da entrada no coral da escola e das novas amizades. Cenas ilustrativas na escola. Cena da gravação no estúdio cantando as **músicas** ''Tempos Modernos'' e ''Maria Maria'', da primeira apresentação na escola.

BIANKA

Com o passar do tempo eu passei a aceitar a doença que tinha, cantei até na escola onde eu tanto me reprimia, as pessoas começaram a gostar de mim e eu vi que podia sim ter amigos mesmo estando daquele jeito, as pessoas ali passaram a me entender. Procuravam saber o porquê que me excluía tanto e se aproximavam cada vez mais. Comecei a controla-la (a alergia) com a música. Tinha para mim, que todo mundo que tinha essa doença não estava sozinho: eu estava ali, eu queria mostrar para todo mundo que dermatite atópica não se pega, que pessoas assim só querem carinho, que as pessoas não precisam sentir medo e nojo. Eu queria dizer ao mundo isso. Com muitas tentativas de tratamento, a dermatologista que me acompanhava apelou para um remédio muito forte. Usei por alguns meses, deu ''super'' certo e até hoje a doença está em controle. Quando entrei no ensino médio a minha cabeça já era outra. Foi o melhor ano, fiz várias amizades, com pessoas que tinha a mesma visão de mundo que eu. Começou a aula integral na minha escola e tinha música. Nessas aulas de música, tinha uma moça que estava tentando formar um coral e eu queria muito estar lá, mas a vergonha não deixava. Um dia, conversando com um menino da minha sala, se conhecendo mesmo, eu disse a ele que cantava, então eu enviei um áudio para ele cantando. Ele gostou muito e saiu espalhando pela escola que eu cantava, até que isso chegou na moça que dava aulas de música na integral. Ela me convidou para participar, e disse que eu tinha que fazer uma "audição". Já no coral da escola, eu conheci muitas pessoas, onde fiz amizades também. A primeira apresentação foi no auditório da escola, todos os alunos da escola estavam lá, eu estava com muita vergonha. Na apresentação eu tinha uma parte solo. No momento em que cantei, percebi que todos que estavam lá se surpreenderam (não é querendo me achar, mas porque eu era muito na minha). Depois cantei uma música sozinha, e no fim das apresentações muitas pessoas vieram falar comigo, me elogiar e tudo mais. Depois disso, meninos e meninas da escola se aproximaram muito de mim, tanto na escola e bem mais pelas redes sociais.

CENA 08

Projetos para o futuro, sonhos e apresentações de Bianka.

BIANKA

Tinha para mim, que todo mundo que tinha essa doença não estava sozinho: eu estava ali, eu queria mostrar para todo mundo que dermatite atópica não se pega, que pessoas assim só querem carinho, que as pessoas não precisam sentir medo e nojo. Eu queria dizer ao mundo isso. Eu sei que vivi pouco, mas o que já vivi eu aprendi muito. A vida é uma surpresa mesmo, e nada que acontece nela é em vão, porque nos torna quem somos hoje ou quem seremos no amanhã. Eu sou o tipo de pessoa muito humana, sou totalmente em prol de muitas causas, odeio preconceito com seja lá o que for, acredito que o sol nasce para todos, que não tem o porquê de julgamentos, a vida é isso aqui, é pra ser vivida, é cheia de desafios, como se fosse um jogo que você tem que encontrar a felicidade, aí você fica errando e se machucando pelo caminho, sem querer desistir. Gosto de ajudar todo mundo, mas não quero agradar todo mundo não, foi-se o tempo que eu me preocupava com isso. Não tenho medo de viver, todo mundo diz que penso assim agora por ser "adolescente", mas acho que é aqui que a gente começa a viver. Não gosto de rótulos "ah mas você é o que, hein?", eu sei lá, gosto de gente e de viver também, corro de regrinhas e padrão, sou do tipo que se quiser gostar vai gostar do jeito que sou, não disfarço sentimento, se eu não gostar eu não gosto e pronto, mas agora se eu gostar é pra sempre. Não crio promessas ou expectativas, por não gostar e por saber que a vida é tão imprevisível que ela muda a todo instante, pode até nos decepcionar, e não quero isso, então eu deixo a vida me levar. O que for para ser, será.

FADE OUT

FIM

9 PLANO DE DIREÇÃO

A direção do documentário teve como proposta deixar os entrevistados em posições confortáveis e menos invasivas, respeitando o fluxo de ideias e informações, com o menor uso de interrupções possíveis. As reuniões com as equipes foram realizadas com o intuito de conciliar ideias e propostas das diferentes áreas do documentário, definir o planejamento para as ações dentro do set de filmagem e estabelecer uma linguagem única que estivesse em coerência com os objetivos do projeto. Os filmes que foram usados como principais referências na produção do vídeo foram o documentário anglo-brasileiro

sobre o trabalho do artista Vick Munik, “Lixo Extraordinário”, com direção de Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley; “Amy”, documentário sobre a cantora Amy Winehouse realizado por Asif Kapadia; e o documentário “Alive Inside” do diretor Michael Rossato-Bennett sobre a possibilidade da música de resgatar a memória.

9.1 Produção

A proposta do projeto é produzir um curta-metragem documentário em formato digital, com baixo custo de produção. Para isso, os equipamentos utilizados como câmera, tripés, lentes, gravadores de áudio, microfones, iluminação, filtros e rebatedores, foram empréstimo de pessoas da equipe ou colegas próximos, e reserva de materiais na técnica da Universidade de Brasília, respeitando prazos e arcando financeiramente com qualquer modificação do equipamento na devolução.

O orçamento foi focado principalmente em transporte e alimentação para os participantes do projeto. As locações foram: casa da Bianka, beira do lago e escola Centro de Ensino Médio I em Brazlândia; Hospital da Criança de Brasília, estúdio de rádio da Faculdade de Comunicação (UnB), Santuário Dom Bosco, Clínica de Musicoterapia em Brasília.

9.2 Fotografia

As imagens referentes às entrevistas foram gravadas em dois ângulos diferentes, utilizando, portanto, duas câmeras semelhantes (Canon T3i e T5i) e principalmente, lentes 18-55mm, tentando ao máximo utilizar iluminação natural. Materiais de arquivos também constituíram a fotografia do filme, principalmente as imagens disponibilizadas pela Rede Globo de Televisão, vídeos do GDF no Hospital da Criança de Brasília e vídeo da apresentação do Teatro Musical Empório Cultural.

9.3 Som

A linguagem sonora foi composta principalmente pela voz de Bianka, cantando músicas que marcaram sua trajetória. Estão presentes na trilha sonora do filme as músicas: “Maria Maria” de Milton Nascimento; “*At Last*” da *Etta James*; a música autoral de Bianka, denominada “Que bom seria”; “*Love You I Do*” da *Dreamgirls*; “Beija Flor”

da *Udiyana Bandha* e as músicas na flauta tocada por Claudio Vinicius. Para a captação de som direto, foram utilizadas duas fontes de som: o boom e a lapela, que tinham entrada em um gravador sonoro.

9.4 Edição

O documentário utilizou cenas de reconstituição ficcional e reposição retórica, principalmente no início da montagem, para demonstrar memórias do passado. Por meio de entrevistas e depoimentos de personagens reais, o produto tem cunho social, poético e técnico e foi composto também, de locução sobre imagem.

O improviso, equilíbrio e o experimental foram valores cultivados na produção do documentário, em que o controle total aconteceu apenas na fase de finalização, na pós-produção, havendo modificações no roteiro inicial.

A narrativa foi desenvolvida cronologicamente, sendo a protagonista Bianka o foco da trama e, o ponto de virada do documentário foi a musicoterapia de Claudio Vinicius. Os demais personagens reais que complementaram o desenvolvimento da história com depoimentos foram: Orlando e Sônia (pais de Bianka); Murilo e Gustavo (amigos de Bianka).

9.5 Ilustração e Animação

A ilustração tinha como referências desenhos em forma de rascunho, com linhas não delimitadas, mas como rabiscos. Como qualquer rascunho, a ilustração foi desenvolvida em preto e branco, para estar de acordo com uma proposta mais próxima do manual e menos digital possível. A escolha dessa estética teve influência dos desenhos feitos por Bianka.

A proposta da animação foi em 2D, deixando os movimentos os mais simples possíveis, e transmitindo uma sensação de constante ondulações nas cenas. A animação e a ilustração vieram para constituir a introdução do documentário e ilustrar um resumo dos momentos passados da vida de Bianka.

10 CRONOGRAMA

OUT/15	- Escolha de tema e início da pesquisa; - Visita ao Hospital da Criança de Brasília; - Pre-entrevistas com Claudio Vinicius e com Bianka Nascimento; - Criação do Roteiro; - Início da pré-produção e formação da equipe;
NOV/15	- Finalização do Roteiro; - 20/11: Gravação no estúdio de rádio da FAC: Bianka cantando músicas da trilha sonora; - Primeira reunião de equipe;
DEZ/15	- Início das Ilustrações; - 04/12: Gravação no estúdio de rádio da FAC; - Reuniões de equipe;
JAN/16	- Reuniões de equipe; - Animação da primeira cena;
FEV/16	- Reuniões de equipe; - Autorização das locações e direito de imagem;
MAR/16	- Quinta reunião de equipe; - Criação da página no <i>facebook</i>; - 20/03: Gravação na casa da Bianka; - 23/03: Gravação na Clínica de Musicoterapia do Claudio; - Animação da Cena 05 e 02;
ABR/16	- Reunião somente com a pós-produção; - 07/04: Gravação na escola; - 16/04: Gravação do <i>Rap</i> no lago; - 25/04: Início da Montagem; - 25/04: Primeiro Corte; - Animação da Cena 03;
MAI/16	- 04/05: Segundo corte; - 20/05: Terceiro corte; - Animação da Cena 03; - 17/05: Finalização da Animação;

	- 23/05: Finalização da Montagem e começo da edição de som;
JUN/16	- Finalização do vídeo; - Cópia final do filme; - Finalização da memória do projeto (escrita);

11 ORÇAMENTO

	DIAS	LOCAIS	NÚMERO DE PESSOAS	TOTAL APROXIMADO (R\$)
1 TRANSPORTE (Público e Carro próprio)	8	Brasília/ Brazlândia	5	R\$ 260,00
2 ALIMENTAÇÃO (Lanche e Bebidas)	3	Brazlândia	8	R\$ 270,00
3 IMPREVISTOS				R\$ 320,00
3.1 Guincho (1)	1	Brazlândia/ Brasília	-	R\$300,00
3.2 Cabo de som (1)	-	Técnica UnB	-	R\$ 20,00
4 MATERIAIS (DVDs, CDs, Impressões)	-	-	-	R\$50,00
TOTAL	8	Brasília (4) Brazlândia (3)	Variado	R\$ 900,00

12 EQUIPE

ROTEIRO, DIREÇÃO E EDIÇÃO - Juliana Simões é estudante de Comunicação Social com habilitação em Audiovisual. Trabalhou como diretora de arte na empresa júnior Pupila Audiovisual e atualmente é estagiária da Área de Comunicação e Marketing da União Marista do Brasil. Formada em Cinema Digital pela Escola de Cinema de Brasília. Participou na produção, em diversas funções, de mais de 12 vídeos, entre eles, ficções, animações, videoclipe, e vinhetas para festivais e congressos.

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA - Gabriela Studart é estudante de Comunicação Social com habilitação em Audiovisual. Diretora de arte da Pupila Audiovisual por um ano e três meses. Além da experiência em direção de arte, tem experiência prática em direção, roteiro, fotografia e edição. Formada no curso de Cinema Digital da Escola de Cinema de Brasília. Participação nos filmes do Bloco II: “Minha Incrível Coleção de Máscaras” (assistente de arte), “Córtex” (assistente de arte), e “Luiza Foi Embora” (assistente de fotografia e diretora de edição). Estágio como fotógrafa na Secretária de Comunicação da UnB durante seis meses e atualmente estágio como fotógrafa no Correio Braziliense.

CAPTAÇÃO DE SOM - Isis Aisha é estudante de Comunicação Social com habilitação em jornalismo no 8º período, participou da Empresa Júnior Pupila Audiovisual como Gerente de Contas e após como Presidente Organizacional. Trabalhou voluntariamente na organização da amostra de filmes cinema pela verdade, aluna extensionista do projeto Café FAC.

CAPTAÇÃO DE SOM - Juciele Fonseca é estudante de Comunicação Social com habilitação em Audiovisual do 5º período. Foi técnica de som nos curtas “Dentro da Caixa” e “Desfalescer” e do documentário “Cabaret de LaPuya”. Foi assistente de som da peça/longa “Mata! Mata! Mata-me, amor!” e dos curtas “O Homem que não cabia em Brasília” e “Queria tanto ter nascido mulher”.

EDIÇÃO DE SOM - Martha Carvalho é estudante de Comunicação Social com habilitação em Audiovisual no 5º período, participa de Empresa Júnior Pupila Audiovisual como membro de Som, onde captou e editou o som de vários projetos. Foi assistente de arte nos curtas “Minha Incrível Coleção de Máscaras”, “Dentro da Caixa”,

“A Outra Caixa” e “Como Largar de Palhaçada”. Editora de som da animação “Entre”, captadora do som da peça/longa “Mata! Mata! Mata-me, amor! ”, do documentário “Cabaret da LaPuya” e do curta “Toda Forma de Controle”. Assistente de som nos curtas “Cóclea” e “Pôr do Sol”. Elenco de apoio no longa-metragem “Campus Santo”. Atriz nas peças “Cidade Partida” e “Vale Encantado”.

ANIMAÇÃO - Bruna Faria é estudante de Audiovisual da Universidade de Brasília. Dedicou-se a edição e montagem desde o início de seu curso, se tornando editora na empresa júnior Pupila Audiovisual e participando como montadora de vários curtas, entre eles: “O Sofista”, “Chiaroscuro”, “Dentro da Caixa” e “Cóclea”. Formada no curso de *Motion Design* pela Ozi Escola de Audiovisual, ela trabalha como assistente de pós-produção na empresa “Bioma Produções”.

ILUSTRAÇÃO - Gabriel Rocha é estudante de Audiovisual na Universidade de Brasília, diretor e roteirista de vários curtas universitários, inclusive o curta metragem “Córtex” produzido para o conjunto de matérias “Bloco 2” da Faculdade de Comunicação e *storyboard* do curta-metragem ‘*In Memoriam*’. Ex-membro da empresa júnior Pupila Audiovisual, onde trabalhou como ilustrador durante um ano e meio.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma primeira experiência de realizar um documentário, foi um desafio e um trabalho com muitas aprendizagens. Contar com a improvisação ao relatar fatos, saber a medida entre ser invasivo e ser compartilhável, entender o tema e as pessoas a fundo foram tarefas difíceis e ao mesmo tempo estímulos para minha vontade constante de obter novos conhecimentos e sair da zona de conforto.

Compreendi que o tempo realmente passa rápido, apesar de ter começado o projeto relativamente cedo. Disciplinei meus horários e minhas atividades, tive que saber a medida de aceitar, lidar com os imprevistos que sempre acontecem e fazer mudanças necessárias.

Convivi e vivenciei experiências interessantes com todas as pessoas envolvidas no projeto. Me propus a dar liberdade de criação, ideias e propostas para cada área da equipe, a dirigir um filme com equilíbrio na liderança, em que a liberdade e a defesa dos meus pontos de vista deveriam estar em sintonia com a linguagem do documentário. A orientação da professora Denise Moraes, que muito se dedicou, estava sempre disposta a me ajudar e fazer com que o projeto se desenvolvesse para ter resultados cada vez melhores, foi de extrema importância para os resultados finais.

Percebi que muitas histórias no mundo são inspiradoras, e que poder contar uma delas foi um privilégio. Com a conclusão desse projeto, espero realizar outros que, assim como esse, possam ajudar as pessoas que o assistirem a terem outra visão, a entenderem melhor e respeitarem as outras pessoas e saberem que cada uma tem sua história, que as discriminações só deixam a realidade mais violenta, impessoal, e desconectada. Que a luta, como pessoas mais humanas e inclusivas, possa estar mais próxima de uma convivência com mais igualdade, fraternidade e generosidade, formando uma sociedade menos preconceituosa e mais conscientizada.

REFERÊNCIAS

- BENENZON R.** Teoria da musicoterapia. São Paulo (SP): Summus; 1988.
- BRUSCIA, K. E.** Definindo Musicoterapia. Trad. Mariza Velloso Fernandez Conde. 2ª edição. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- BUSH CA.** A música e a terapia das imagens: caminhos para o eu interior. São Paulo (SP): Cultrix; 1995.
- CAMPBELL D.** O efeito Mozart: explorando o poder da música para curar o corpo, fortalecer a mente e liberar a criatividade. Rio de Janeiro (RJ): Rocco; 2001.
- COSTA, G.S.** O papel da música na terapia. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2011.
- COUTINHO, Eduardo.** Encontros. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- DA-RIN, Silvio.** Espelho partido: tradição e transformação do documentário cinematográfico. São Paulo: Azougue, 2006.
- EISENSTEIN, Serguei.** A forma do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990-2002.
- FREGTMAN, C.D.** Corpo, Música e Terapia. São Paulo: Cultrix, 1989.
- FREIRE, M.** Documentário: ética, estética e formas de representação. São Paulo: Annablume, 2011.
- GAUTHIER, G.** O Documentário: um outro cinema. Campinas: Papyrus, 2011.
- JACOB, Fernanda D..** O corpo em movimento: Um estudo sobre o movimento corporal e sua utilização no processo musicoterapêutico. Trabalho de conclusão do Curso de MusicoterapiaFAP. Curitiba: 2002.
- LINS, Consuelo & MESQUITA, Cláudia.** Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LINS, Consuelo.** “Documentário: ficção diferente das outras? ” In: Magazine, Caderno Cultural do jornal O Tempo, Belo Horizonte: 1997.
- McCLEALLAN R.** O poder terapêutico da música. São Paulo (SP): Siciliano; 1994.
- LOURÃO, Maria Dora & LABAKI, Amir (orgs).** O cinema do real. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- NICHOLS, Bill.** Introdução ao Documentário. Campinas/SP: Papyrus, 2005/3. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

ODIN, R. Filme documentário, leitura documentarizante. Revista Significação, ano 39, n.37, pp.10-30, 2012.

ORTIZ JM. O tal da música: utilizando a música para melhorar sua vida. São Paulo (SP): Mandarin; 1998.

PESSOA, Fernão Ramos. Mas afinal... O que é mesmo documentário? São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

PUCCINI, Sérgio. Roteiro de Documentário: Da pré-produção à pós-produção. Campinas: Papirus, 2009.

QUEIROZ, G.J.P. de. A Música compõe o Homem, O Homem compõe a Música. São Paulo: Cultrix, 2007.

SAKAI, F.A. Cantando as histórias que corporificamos.In: Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais. 1., 4., 9. Foz do Iguaçu: Anais... Centro Reichiano, 2004. CD-ROM.

SAKAI, F. A.; **LORENZZETTI**, C; **ZANCHETTA**, C. Musicoterapia corporal. In: Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. Anais... Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0].

YAKHNI, Sarah. O eu e o outro no filme documentário: uma possibilidade de encontro. São Paulo, 2001 – Dissertação de Mestrado – UNICAMP.